





# O MILHO

Tem-se dito já na Assembleia Nacional, por várias vezes, que o preço do milho é inferior ao custo de produção, aqui no Minho.

A terra não produz o que devia...—Cansada?—Depois de tantos povos que por aqui passaram desde longa data (ontem fomos nós o Brasil) poderemos esperar muito mais da terra?

Quando teremos aqui, a ensinar-nos, a ajudar nos, os engenheiros agrónomos, os regentes agrícolas?

Quando se irá por essas freguesias acima, a cuidar dos campos de experimentação, para que todos vejam melhor escolha de semente, a melhor desinfecção, o melhor adubo, o melhor cultivo?...

E quando nos juntarmos todos os lavradores para adquirirmos aquelas máquinas ou alfaias agrícolas que os nossos terrenos possam suportar fundarmos aquelas cooperativas que giram em torno duma lavoura moderna, arejada, progressiva?

—A cooperativa de compra, de venda, de transporte, etc. etc...

Prestando embora a nossa homenagem a quem nos dá o exemplo, de estudar os grandes problemas da terra e preparar-nos para o combate que se avizinha.

Há sintomas claros de malestar num próximo futuro. Senão vejamos.

O governo, numa sábia política e só é pena que não haja barcos e braços bastantes para remediar mais prontamente o mal, o Governo numa sábia política de interesses nacionais, manda vir de fora o que aqui nos falta.

E já chegam da Argentina, da América e da África, as carnes, o milho, a batata...

E a importação continua, vai continuar.

(Continua na 4.ª página)

«A Voz de Melgaço»  
Faz vender  
e tornar conhecida a  
casa anunciadora.  
Anuncie, pois, neste jornal.

## Honra ao Povo de Rouças

Honra à freguesia de Rouças já que não lhe prestam outra homenagem de que é merecedora. E honra ao seu inteligente e bondoso pastor.

Há dias, num gesto digno do maior elogio, o seu povo realizou um impressionante e valioso cortejo de oferendas para a sua igreja paroquial, o qual ficará a atestar o seu fino porte, alta dedicação e respeito. Querer embelezar a sua igreja, tornando-a mais linda, mais gostosa, mais admirada!

Que belo exemplo do povo de Rouças, que ao elevar a sua igreja pelo seu próprio esforço elevam a freguesia e elevam o seu próprio nome! Mas este povo trabalhador, humilde, dócil, não se preocupa só com a igreja, querem ainda mais: querem uma escola, sem a qual não podem educar os seus filhos que serão os grandes homens de amanhã.

Há dias, por pessoa amiga, soube que este bom povo de Rouças pensa em mais um cortejo de oferendas a favor de uma escola para a freguesia. Quem a sua escola. Tem razão. A igreja e a escola não podem viver separadas. E que a escola e a igreja são os pilares da Civilização, são os firmes alicerces da Humanidade, da Nação e da Paz!

Esta freguesia, que nos dá um dos melhores exemplos, bem merece ser olhada com carinho. Precisa de uma escola. Mas o seu esforço, o seu sacrifício, por si só não basta. É preciso ajudar esta freguesia concedendo-lhe um subsídio para essa grande obra de educação! Rouças precisa de uma participação para se levantar mais alto. Ela quer educar os filhos, livrando-os da lama espezinhada do analfabetismo!

Estamos certos de que as autoridades concelhias não deixarão esquecer e de dispensar o seu apoio moral e material à escola de Rouças para bem da nossa terra.

Ponte do Lima,  
Janeiro de 1947.

A. R. BARBOSA

# Bon Marché

(Casa fundada em 1914)

PRADO

MELGAÇO

Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Marduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

## CORTEJO DE OFERENDAS

em Fiais

(Continuação da 1.ª página)

na com o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores Raras vezes se terá visto nesta paróquia tanta elegância e tanta beleza de côres! O rendimento total de tão belo cortejo foi de 15.000\$00 assim distribuído:

- Adavelha, Portocavero, Falão e Eredal 3.400\$00;
- Soutomendo 2.650\$00;
- Vila do Conde e Candosa 2.300\$00;
- Adelá, Faval, Balsada e Quingosta 2.000\$00;
- Sardoneira 1.700\$00;
- Possafolés 1.350\$00;
- Lugana 1.200\$00;
- Alcobaca 300\$00;
- Anónimo 100\$00.

Total 15.000\$00. Depois dum facto tão eloquente são escusadas mais palavras... pois o rendimento fala por si. Somente para terminar digo: Parabens ao povo de Fiais, por mais uma vez mostrar a sua fé em Deus, a união com o seu pároco e se colocou nas alturas em que sempre esteve nestes acontecimentos e que nunca perdeu nem perderá. Avante sempre por Fiais!

## Prado, 20

Depois de uma prolongada enfermidade, faleceu em 5 do corrente, na sua residência, no lugar de Santo Amaro, o sr. Alvaro Gomes, ex-guarda-rios deste concelho.

O finado era irmão dos srs. Justino José Gomes, sr. João do Porto deste concelho e Bento Gomes, falecido há tempos, na cidade do Porto. Era uma pessoa que contava com uma grande simpatia da gente desta freguesia, que sentiu muitíssimo tão deplorável perda. A família em luto, enviamos-lhes sentidas condolências.

O sr. Salvador Soares, natural desta freguesia, inaugurou, hoje, no lugar dos Ferreiros, da vizinha freguesia de Paderne, um modelar estabelecimento de mercearia e miudezas. Estimamos que seja feliz nos seus empreendimentos. — C.

## 101.500\$00

A Câmara Municipal foi concedida pelo Governo da Nação a comparticipação de 101.500\$00 para a obra de pavimentação da Rua da Calçada e Sul da Praça da República.

## Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaias agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais-sulfatos de ferro e de cobre, enxôfre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazens, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

# A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus; Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias; Vinhos finos — e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas— A máxima seriedade nas suas transacções.

## Pelo Hospital

Movimento do Banco, no ano de 1946

Consultas, 1952. Curativos 1840. Injecções, 1896. Serviço de pequena cirurgia, 399.

Total: 5.727. Passaram diariamente só por este serviço em média 16 doentes por dia, na sua grande maioria pobres que nada pagaram porque nada podiam pagar.

De todos os serviços não gratuitos prestados apuraram-se apenas 2.438\$00, o que dá em média \$45, por doente.

Movimento de internados

Homens, 55. Mulheres, 54. Total: 109.

Por freguesias:

Vila 30 doentes num total de 345 dias de internamento. Rouças, 10 doentes num total de 240 dias de internamento. Cristóval, 13 doentes num total de 152 dias de internamento. Paderne, 6 doentes num total de 144 dias de internamento. Prado, 8 doentes num total de 104 dias de internamento. Penso, 8 doentes num total de 92 dias de internamento. C. Laboreiro, 4 doentes num total de 61 dias de internamento.

(Continua na 5.ª página)

# O Milho Pelo Hospital factos que pensamos

(Continuação da 3.ª pág.)

Impõe-se desde já uma revisão clara, profunda, conscienciosa dos grandes problemas do lavrador.

Que a imprensa, os seus órgãos, aqueles que ocupam lugares de comando, estudam e sobretudo estes façam sem demora a grande e prometida reforma agrária.

Nós os lavradores olhamos para os operários e vemos que a eles já se lhe fixa um salário mínimo, que tende para a dignidade do trabalhador. E já se olha para a higiene, horário de trabalho, assistência, providência...

Já lhes fazem de subsídios familiares, de férias pagas, de creches, patronatos, casas de repouso, de saúde, de invalidez, de seguro obrigatório.

Mas quem nos fala a nós de todo esse mundo de reformas, de actualização, de prestígio, de dignidade?

Publicou o Governo, há pouco, um decreto concedendo dois milhões de contos à Lavoura, para assistência técnica e empréstimos a juro baixo e a longo prazo.

Nós queremos que a terra, assim como a fábrica para o operário, nos dê quanto possível, um nível de vida digno.

Há salários mínimos? — Devem bastar para uma vida desafogada, digna e humana de trabalhador?

Pois o campo deve também proporcionar-nos a nós, que somos a maioria da Nação, uma vida também digna. — Dele vivemos!

Impõe-se uma revisão dos preços de milho, e torná-los mais conformes às exigências de hoje. Tal como está e foi dito no Parlamento, ele não paga o custo da produção. Demais? — não queremos. — O justo, aquilo que é justo.

E revejam-se novamente, para honra de todos nós, aqueles salários da estrada de Castro, e dos montes da Gave e Peneda. Vamos!

## S. Paio, 20

O lugar da Carpinteira, centro turístico desta freguesia, vai ter uma nova loja de miudezas e mercaria. Desçamos felicidades ao seu fundador.

Realizaram o seu casamento, na quinquena passada, os srs. Romeu Caldas, de Real, com Maria Rei, de Soutinho; Alfredo Esteves com Maria Marques, ambos do lugar dos Lourenços. Sejam felizes.

(Continuação da 3.ª pág.)

Chaviães, 6 doentes num total de 56 dias de internamento. Couso, 4 doentes num total de 55 dias de internamento. S. Paio, 3 doentes num total de 51 dias de internamento. Paços, 4 doentes num total de 48 dias de internamento. L. Moura, 1 doente num total de 22 dias de internamento. Alvarêdo, 2 doentes num total de 18 dias de internamento. Cubalhão, 3 doentes num total de 16 dias de internamento. Gave, 1 doente num total de 10 dias de internamento. De fora do concelho, 5 doentes num total de 30 dias de internamento.

Total: 1444.  
Em face destes números calcula-se uma média diária de 4 doentes.

Destes doentes internados apenas se recebeu a importância de 3.852\$50 o que dá em média 35\$34 por doente, ou 2\$66 por dia de internamento.

**Movimento da Enfermaria de Partos:**

Entraram 9 parturientes e nasceram 5 crianças do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

**Movimento do Lactário de N.ª S.ª da Misericórdia**

Crianças subsidiadas durante o ano: 10, litros de leite fornecidos 1.230.

**Quadro das Despesas**

Encargos obrigatórios (pessoal)	9.941\$00
Reparação de edifícios	977\$00
Materiales e utensílios	985\$00
Assistência propriamente dita	30.921\$00
Outras despesas	3.982\$00
<b>Total:</b>	<b>46.806\$00</b>

**Quadro da receita**

Subsídio do Estado,	9.500\$00
Subsídio das Autoridades e Corpos Administrativos,	7.070\$00
Rendimento de bens próprios,	2.354\$00
Esmolas e subsídios de particulares,	18.668\$00
Saldos do ano anterior,	2.853\$00
<b>Total:</b>	<b>46.971\$00</b>
<b>Saldo para 1947</b>	<b>165\$00</b>

— O meu tempo, que já se vem prolongando desde fins de Janeiro, tem originado o aperecimento da «gripe», tendo a maioria dos habitantes desta freguesia sido atacada por aquela doença. — C.

## Comentários

(Continuação da 1.ª pág.)

ma posição, enviando ao Senhor Presidente da Assembleia Nacional uma exposição, em que se lê o seguinte:— resolveu a Organização Corporativa da Agricultura desta Província manifestar-se franca e abertamente ao lado da doutrina expandida pelos legítimos representantes da Lavoura do distrito de Viana do Castelo, permitindo-se ainda chamar a atenção dessa illustre Assembleia para os efeitos desorientadores provocados junto das massas populacionais por intervenções pouco felizes como aquela de que foi autor o deputado Sr Dr. João da Rocha Páris!

E a gora? Nos consideramos boa doutrina aquela que se defendeu na nossa memorável reunião.

O milho abunda e não sabemos se as más condições de tempo, em que foi recolhido, o fará deteriorar antes do tempo.

Por outro lado, parece

primoroso de Portugal, fazendo-O caminhar ao lado das Nações mais ricas e poderosas.

Os nossos povos da montanha tem uma bela fonte de receita nos seus rebanhos e gados.

— || —

São no entanto numerosos porque se alimentam nas serras e nas propriedades.

que a venda livre neste ano de abundância faria baixar e reduzir os fabulosos preços ao famigerado mercado negro.

E a falta que já se faz sentir nos meios urbanos seria remediada prontamente, sem necessidade de recorrer à queles outros processos de que já estamos cansados e desgostados.

E' tempo de irmos entrando definitivamente na normalidade.

Dão-lhes o leite para se sustentarem, a lã para se vestirem e o dinheiro para as despesas familiares e para pagarem a própria contribuição.

Fazem-lhes os adubos para as terras cultiváveis que, visto serem frias e pesadas, somente cobertas de estrume produzem o pão para o ano.

Não têm outros divertimentos mais do que as simples festas e arraiais e algum serão nas noites longas do inverno onde as moças fiam e preparam a lã e a estôpa com que hão-de embalar os filhos que Deus lhes der no dia de amanhã.

— || —

O milho, o centeio e a batata, deixando de ser bem adubados, não serão suficientes para alimentar aquela gente que vive quasi sómente de pão e batata.

Porém haja em vista o que se passa nas cercanias de Parada do Monte para nos certificarmos como são tratados os povos que primam na vida agrícola e pastoril.

Ali os Serviços Florestais principiaram nos limites do lugar de Cortegada e ramificaram-se sobre as verandas do Fitouro, Travaços, para o oriente, cercando o Mourim para o ocidente, não fugindo ao mesmo destino o Covelo.

Não ocuparam ainda todos os baldios, mas já impediram o acesso à serra.

Onde se alimentarão os gados?

Poderão ser apascentados por entre os arvoredos?

Parece que as autoridades deveriam harmonizar os Serviços Florestais com as necessidades dos povos, limitando aqueles a determinadas zonas, quanto possível vedadas, e deixando baldios suficientes para não desaparecerem de momento os gados e a agricultura.

## Um melhoramento

(Continuação da 1.ª página)

Era aí por 1932, quando a estrada principiou, quebrando-se assim o mal-ladado encanto. Passados uns doze anos, chegava enfim a Castro. As nossas sinceras homenagens ao glorioso Estado Novo que tão bem realizou uma das nossas maiores aspirações: A abertura da estrada. Graças ao actual regimen, esta freguesia possuía actualmente três escolas oficiais e dois postos de ensino.

Não podemos concordar e já mais deixaremos de pugnar para que o Posto Escolar, digo, de Ensino do lugar da Vila seja quanto antes transformado em Escola Oficial. Assim foi sempre, e é vergonhoso para a freguesia que isto continue assim. Já merecemos — merecemos no Estado Novo estes grandes melhoramentos.

Mas há um que agora lhe vamos pedir e, que estamos certos, ficaremos a dever ao actual regimen: E' a criação de UM PÓSTO TELEFÓNICO EM CASTRO LABOREIRO. Com este pósto telefónico resolver-se-á um grande problema, não só para esta freguesia, mas também para todas as paróquias por onde a rede telefónica passe. E são elas: S. Paio, Couso, Gave, Parada, Cabalhão e Lamas do Moura. A 2.ª freguesia numerada, a 3.ª e a 4.ª, servir-ão-lhe um pósto em Pouxares. Sem uma pequena farmácia

e Médico, que preste socorro a um doente ou ferido, privados de uma carreira de caminhetas que nos transportem a Melgaço; impossibilitados de reduzir as distâncias por meios mecanizados, nós os castreiros vemos-nos obrigados a fazer-nos transportar a Melgaço em cavalgaduras para ali recebermos o auxílio da ciência médica. Com este meio de transporte, gastamos umas boas oito horas para chegarmos a Melgaço.

Quando o médico chega muitas vezes já é tarde. E' vergonhoso para nós existirem ainda terras em Portugal onde um facultativo, chamado para um caso urgente, demore oito horas, podendo fazê-lo em meia hora com a criação de um pósto telefónico nesta freguesia.

Há alguns castreiros que oferecem para a criação deste pósto telefónico uns vinte a trinta mil escudos. E não querera, quem de direito, atender as nossas súplicas? Seja como for, o pe-dido aí fica; e Castro já mais deixará de fazer ouvir as suas necessidades até — até conseguir satisfazê-las dentro do possível.

Castro Laboreiro, 31-1-1947.

O CASTREJO.

A. CERQUEIRA

Director e Administrador:  
Pe. JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
A. VENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

## Aconsciência cívica do Lavrador

**A**O contrário do que muitos pensam, acreditamos na formação intelectual e cívica do lavrador e no seu maior nível cultural. Por esta razão, pelo conceito democrático que nos une, pelo verdadeiro sentido da dignidade da pessoa humana, e pelo espírito católico que nos informa é justo que o lavrador seja ouvido nos problemas sociais, que emita a sua opinião política, que faça as suas

## Cartas ao Director

com vista aos correios

Do C. T. T. desta Vila recebemos a carta que, a seguir, publicamos.

Fielis ao nosso sentido de justiça, agradecemos as informações que nos presta.

Como a carta do nosso leitor e assinante Armando Miguel de Carvalho dizia que recebia o jornal e os últimos números os não recebeu, entendemos que a Administração funcionava bem e, portanto, o jornal era expedido.

O sr. Director dos C. T. T. de Melgaço e nosso

(Continua na 3.ª página)

## O Sr. Ministro da Economia

O Sr. Ministro da Economia entendeu, e muito bem, que devia chamar a imprensa e ouvi-la e, por intermédio da mesma imprensa, comunicar com a Nação.

O Sr. Ministro da Economia compreendeu todo o alcance da imprensa: informar Sua Ex.cia do que se passa e transmitir, lealmente, ao povo as suas respostas francas, verdadeiras e só ditadas pelo interesse nacional.

«A Voz de Melgaço» tem exposto, nas suas colunas, a maneira de ver os problemas desta região e fá-lo com o sentido único de uma política construtiva, séria e desapaixada. Só nos interessa a verdade e a justiça. O mais, para nós, não conta coisa alguma.

## O nosso Congresso

Estamos enfim a poucos dias do nosso Congresso Eucarístico!

Mais dois meses e Melgaço vai assistir e inaugurar uma solenidade, como nunca aqui se fez e só tarde se realizará!

Estamos todos unidos nesta grande frente. Terra crente, de vivas e profundas convicções religiosas, a nossa festa vai marcar definitivamente uma grande página da sua História.

E assim a nossa Câmara, representante dum povo crente, associa-se a esta homenagem com verdadeira distinção.

Ocupa o lugar que lhe pertence. Por isso, abriu a subscrição concelhia com 1.000\$00 e oferece às autoridades civis, militares e

religiosas o jantar oficial, à maneira do que as outras Câmaras tem feito por esse país, em que o povo é na sua quase totalidade crente.

O Senhor Arcebispo Primaz, que nos distingue, honra insigne!, com a realização do primeiro Congresso do Alto-Minho, oferece-nos o concurso de

por P.e CARLOS VAZ

## Bombeiros Voluntários de Melgaço

Ouvindo o novo Presidente de Direcção Sr. Nelson Cardoso

Mais uma vez voltamos a tratar do assunto dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, porque é sempre agradável informar os nossos leitores do que de bom vai surgindo na nossa terra. E a «Voz de Melgaço» faltaria aos seus princípios de pugnar pelo engrandecimento do concelho se deixasse no esquecimento incipientes como aquelas de que vamos hoje ocupar-nos.

Até nós vinham chegando rumores de largos eões da nova Direcção deste Humanitária Associação, e para obtermos uma certeza, resolvemos entrevistar o Senhor Nelson Cardoso, Presidente da nova Direcção.

Com a boa vontade de sempre e irradiando uma confiança larga no seu grandioso projecto, recebeu nos e prontamente aceitou os nossos pedidos.

— Quem constitui os corpos gerentes?

— A Direcção é constituída pelos srs. Francisco de Sousa Cardoso, António Manuel Esteves, Germano Alves Carabel e Alfredo Eurico de Barros. A Assembleia Geral pelos srs. Drs. Júlio do Outeiro Esteves, Armando Cid, Augusto e António Esteves O Conselho Fiscal é composto pelos srs. Dr. Elísio Pimenta Arcepeste Carlos e Dr. José Duarte de Almeida. Como vê, nos corpos directivos não há elementos de adorno, mas pessoas capazes de a ajudarem a vencer os múltiplos obstáculos que se nos depaíram para a realização dos nossos projectos.

— Têm de facto alguns projectos?

— Sim. Projectos cuja execução constitui uma questão de vida ou de morte para os Bombeiros. O que agora nos preocupa é o da construção de um edifício para abrigar o material existente e reunir os sócios. Claro que não queremos uma vulgar barraca de estilo exótico de sabão com barcos a lazerem de portas e janelas. O que temos em mente é um prédio amplo do qual todos os Melgacenses se possam orgulhar; não com instalações luxuosas, mas capazes de satisfazerem as exigências do progresso.

— O que está já feito?

— Alguma coisa que pouco é para aquilo que falta, mas que muitos julgam impossível. Refiro-me à nossa Banda — h. j. reorganizada, com novo organograma. Para isso muito contribuiu a sua competetivíssima repente, Sr. Mo

30 seminaristas teólogos, que virão cantar nas cerimónias imponentes do pontifical.

Os ilustríssimos capitulares de Braga veem também assistir e tomar parte nesta homenagem...

E o nosso glorioso Prelado celebrará de pontifical.

Estão também já convidadas as autoridades civis do distrito e cumpremos prestar a mais viva homenagem a S. Ex.cia o Senhor Governador Civil, pelo carinho e verdadeiro interesse que esta festa lhe merece.

E assim S. Ex.cia deseja e vai conseguir que nesse dia memorável as fronteiras do concelho que ligam com a Espanha sejam franqueadas ao povo vizinho.

Vem também a Melgaço S. Ex.cia o Senhor Dr. João da Rocha Lúris, ilustre deputado da Nação, que juntamente com S. Ex.cia o Senhor Governador Civil, tanto tem defendido os interesses do nosso povo, sobretudo no que respeita ao plantio da vinha.

— Mas a vinda de S. Ex.cias vai ficar assinalada em data tão memorável para a nossa terra!

O velho Hospital, pobre e impotente para uma obra, ao menos modesta, de assistência, e a linda e fidalga casa dos Bombeiros, linda e fidalga como convém a uma região fronteiriça, por onde os turistas estrangeiros primeiro tocarão, logo que a fronteira de São Gregório se abra definitivamente, vão, estamos certos, receber de S. Ex.cias o carinho que

(Continua na 4.ª página)

por JÚLIO VAZ

críticas, que diga da sua justiça. Fechar os ouvidos à sua voz não é servir a política, desprezá-lo é ignominioso.

Quando fala, o lavrador sabe o que diz.

Por isso li com imenso prazer as palavras do representante da lavoura do Alto-Alentejo ao Sr. Governador Civil do Distrito de Évora palavras que transcrevemos, na integra do «Diário de Notícias»:

Uma das notas mais tocantes — o discurso dum trabalhador rural!

Ainda não se apagaram os ecos das palmas que sublinharam as palavras do sr. tenente-coronel Mattias, apareceu no estrado um trabalhador rural envergando o frejo característico: pelico e sofões. Chama-se José Alexandrino. Bastante à vontade, como se o ambiente de carinho que envolve o homenageado a todos igualasse e lhe desse confiança, esse rapaz que veio da campina e para ela voltará terminada a reunião, diz posadamente, com o seu viril acento alentejano:

«Sr. governador civil! Os homens do campo não sabem dizer coisas bonitas, mas sentem como os outros aquilo que não sabem dizer. Os trabalhadores rurais não podiam deixar de vir aqui agradecer ao sr. governador tudo quanto tem feito pela gente, que já não tem sido pouco, e pedir-lhe que não nos deixe ficar, se zinhos e sem a sua ajuda nestes bocado tão custosos da vida. O senhor tem sido o governador civil dos pobres e dos trabalhadores, nunca tivemos um homem que olhasse assim para a nossa classe, e é por isso que não deixamos que o senhor se vá embora, porque nos faz muito falta. O senhor arranjou dinheiro para os

(Continua na 4.ª página)

Tudo o bom Melgacense deve assinar e conseguir novos assinantes para «A VOZ DE MELGAÇO», jornal defensor dos interesses do concelho

(Continua na 3.ª pg.)

(Continua na 2.ª página)

# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### A residência paroquial de Melgaço

Do nosso particular amigo P.e Justino Domingues recebemos uma carta, em continuação das nossas entrevistas sobre a residência paroquial. Gostosamente a publicamos para elucidação de todos os nossos leitores.

Meu Rro.<sup>mo</sup> P.e Júlio Vaz, M.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> G.<sup>o</sup> Director de A. Voz de Melgaço

Já há muito tempo que não conversamos sobre as obras da Residência Paroquial. Como é obra que me toca, não me esqueço. Se tiver paciência para me aturar queria que registasse mais uns nomes para lançar ao jornal já me ia e querendo que ainda tive mais beneméritos de fora da paróquia:

- O Sr. Ant. Corr. ia dos Santos enviou-me 2.050\$ - do Porto;
- O Sr. Anib. L. da Portela, 1.<sup>a</sup> 500, além d's mãdrãs;
- O Sr. Dr. Júlio Cuteiro Esteves, nosso redactor, 50\$00;
- O Sr. Boleiro, por intermédio do Sr. Alvaro das finanças, 50\$00;
- O Sr. António Pires (de S. Gregório) já tinha dado 5 \$ 0;
- O Sr. «Gomes» da Carpinteira, seriação gratuita, 70\$00;
- O Sr. Frederico Fernandes - em serviço - 75\$00;
- O Sr. José de Arajá (Chaviões) vários dias, enviado pelo irmão Sr. «Alvaro»;

Também os meus colegas não ficaram a troz auxiliando-me nesta empreza com me as suas posses apesar de andarem ocupados com as obras em suas paróquias:

- O Rro.<sup>mo</sup> Sr. P.e José Custódio Domingues, 100\$00 (por duas vezes);
- O Rro.<sup>mo</sup> Sr. P.e António Domingues, 50\$00;
- O Rro.<sup>mo</sup> Sr. P.e Manuel G. Pereira, 50\$00;
- O Rro.<sup>mo</sup> Sr. P.e Campos Lima, 50\$00;
- Os Srs. Abades de S. Paio e Prado, compraram-me bilhetes.

Já vê que o Clero compreendeu a necessidade da Casa.

— E o meu irmão? — Esse aparece à frente do 2.<sup>a</sup> li ta d's mãdrãs.

§ 3 Madeiras de Pinheiro:

- O Sr. Arcipreste, P.e Carlos Vaz, dá da família, o melhor pinheiro;
- Agora começam os da Vila:
- O Sr. António J. Esteves (Líja Noiva) o melhor que tinha e o segundo que recebi;
- O Sr. José J. de Almeida, outro muito bom;
- O Sr. Dr. Augusto C. Esteves, outro muito bom;
- O Hospital, por intermédio deste, outro;
- O Sr. Dr. Cândido Estêves, outro;
- As Sras da «Fonte da Vila» outro;
- O Sr. Gaspar M. P. de Castro, outro;
- O Sr. José Augusto da Cunha, outro;
- As Sras da «Grada» D.<sup>a</sup> Maria Domingues e família, 2;
- O Sr. António Fernandes (Mascarenha), outro;

Muitos destes pinheiros tinham o valor de 2 0 a 300\$00;

Só um ou outro é que era mais pequeno;

Assim c'ho-se a comprar muita madeira;

— Também os donos dos engenhos da Carpinteira e Oleiros nos favoreceram bastante;

Meu caro amigo, o Caderno ainda tem muita coisa e eu não lhe quero roubar mais tempo nem espaço no pequeno jornal.

Se estiver para me aturar, à medida que puder, envie-lhe, para Braga, listas de nomes para os públicos.

E a melhor forma que tenho de lhes agradecer e serve de estímulo para outros e também para não esquecermos, pois ainda nos resta um longo caminho de reformas: acabar a casa e depois lançarmos nos à Igreja. Digo a todos um muito obrigado.

P.<sup>e</sup> JUSTINO DOMINGUES

### Bon Marché

(Casa fundada em 1914)



Mercerarias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

### Prado, 8

Realiza-se, hoje, o primeiro conferência nesta freguesia, notando-se muita concorrência.

— Aproveitando alguns intervalos. Los de bom tempo, os lavradores recolheram as sementeiras das batatas.

— A última cheia do rio S. Lourenço saouso bastantes prejuizos. — C.

### Rouças, 23

Tempo - Tem hoje torrencialmente nesta freguesia e nas vizinhas, o que elevou muito o volume de água nos regatos e no Minho. O excesso da chuva tem causado bastantes prejuizos materiais. A neve cubria mais uma vez os montes desta freguesia, pelo que baixou muito a temperatura.

### S. Paio, 8

Segundo o pl. no dos centenários publicado há dias, vai esta freguesia ter a sua casa da escola, a única a construir neste concelho. É o principal melhoramento que há bastante tempo se impunha, pois S. Paio não tem escola própria, pelo que serve enquanto não for construído o novo edificio, uma casa que não tem espaço suficiente para bem se exercer as funções do magistério primário e a sala onde funcionam as aulas do sexo masculino, estando com o sobrado todo esburacado, originando várias crentes de ar que muito têm prejudicado as crianças e o professor.

— Confirme já anunciamos, o cemitério desta freguesia ainda não foi do tudo com os melhoramentos de que tanto precisa. As sepulturas, logo que se abrem, enchem-se de água, chegando a ficar os caixões a biter, tal como se fossem barcos em pleno mar. Pedimos às entidades locais para se interessarem por isto. É preciso respeitar os mortos.

— Foi ao Porto, onde conta demonstrar alguns dias para tratar de certos assuntos, o nosso grande amigo sr. Cândido Augusto de Oliveira. Que tenha boa viagem são os nossos ardentes votos.

— Já se começou, nesta freguesia, a enxerção dos produtores directos - vidras, manganas e de ique. O viajante que chegar para certas composições com a impressão de que as tou-

peiras atacaram aquelas propriedades.

— Foi com o maior prazer que cumprimentamos, na Carpinteira, o sr. António Pereira Caldas, natural de Riba de Moura, e muito conceituado comerciante na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, para onde conta seguir no próximo mês de Abril.

Desejamos-lhe muito boa viagem e felicidades. — C.

### «A Voz de Melgaço»

Faz vender e tornar conhecida a casa anunciadora. Anuncie, pois, neste jornal.

## Bombeiros Voluntários de Melgaço

(Continuação da 1.a página)

nuel Rodrigues Morais, com a boa compreensão do nosso ponto de vista. A Direcção está-lhe grata por isso, bem como a todos os músicos que atenderam ao nosso apell, collocando a sua arte e o amor a Melgaço acima dos interesses pessoais e ódios mesquinhos. Esperamos que em breve, em concerto público, todos verifiquem os rápidos progressos da nossa Banda. Estou convencido que elle voltará a conquistar os louros que já possuia. Será esse o castigo daqueles que, prostituindo a arte a vendem a quem mais dá. Por um distinto arquiteto do Porto - Sr. Alfredo Brandão - foi elaborado um projecto do edificio a construir em frente à Igreja da Misericórdia e Avenida Marginal que, para mim, é um dos mais formosos lugares da Vila. Pedimos em devido tempo a participação do Estado, por intermédio do Fundo de Desemprego, e esperamos ser atendidos. A «maquete» do projecto do edificio está a ser feita pelo Sr. João Lourenço que para isso é um perfeito artista.

— Contam com alguns auxilios?

— Nada será possível sem o auxilio dos amigos de Melgaço.

Quando apelarmos para todos, certificar-nos emos se aqui há verdadeiro bairrismo. Ouvimos derrotistas afirmar que neste concelho existe apenas o interesse pessoal e que só se faz el guma coisa por dinheiro. A Direcção não crê em tal. E a prova da nossa convicção optimista reside no bom êxi-

to obtido na subscrição pública iniciada. Dois filhos de Melgaço, residentes em além-mar - Srs. Dr. António Augusto Durães e José Esteves (Cabana) contribuíram, respectivamente, com 200\$00 e 1.000\$00. Estamos certos que aqueles que podem também querer contribuir para o progresso do concelho.

— E o Estado e a Câmara?

— O Estado tem acarinhado já eu, tras obras desta natureza e não deixará, portanto de nos prestar o auxilio que lhe pedimos. Quanto à Câmara, o seu muy digno Presidente prometeu conceder nos um subsidio e esperamos que elle será o melhor possível.

— Já está organizada a lista dos sócios?

— Organizada uma lista provisória onde certamente faltarão muitos nomes. Esperamos das pessoas inoportunamente omitidas a desculpa desse lapso e gratos ficaremos se nos communicarem a sua vontade de nos ajudar, com a sua inscrição.

— Vai proceder-se à cobrança das cotas? Atrasadas, ou só a partir deste ano?

— Primeiramente enviaremos circulares às pessoas que constam da nossa lista. Só depois procederemos à cobrança; não das cotas atrasadas (isso seria demasiada exigência) mas das que não foram pagas.

(Continua na 3.<sup>a</sup> pag.)

## Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaías agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais-sulfatos de ferro e de cobre, enxôfre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazens, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

Assinar «A Voz de Melgaço»

é contribuir para o bem estar da sua terra

## O grande e valioso cortejo de oferendas em Ponte do Lima

1 de Fevereiro—Ocupar o pequeno espaço do nosso «A Voz de Melgaço» com notícias que não digam respeito à nossa terra não se deve fazer amidadadas vezes. Faça-o h. je (perdoem-me) para dizer duas palavras áccia duma das maiores jornadas de beneficência que até h. je tenho presenciado!

Ponte do Lima, esta linda e pitoresca vila do nosso Minho encantador, onde as famosas lavradeiras deitam amor nas cantigas, recebeu, h. je, o humilde e bondoso povo das suas cinquenta e uma freguesias, que desfilaron num imponente cortejo de oferendas destinado ás casas de Caridade.

Grandes importâncias em dinheiro (algumas de 6.000\$000), pipas de vinho, sacos de milho, touros, touras, cabritos e muitas mais coisas pertencentes aos produtos agrícolas, pecuários e florestais, transportados á cabeça de bridas raparigas do campo e da serra e em mais de quinhentos carros devem totalisar um valor superior a 350 contos!

Na tribuna de Honra viam se Sua Ex.ª Rev.ª m. o Arcebispo-Primas, o Ex.ºmo Governador do Distrito e as autoridades locais.

O Sr. Ministro do Interior, que não pôde assistir, telefonou a comunicar que oleria 10 contos.

O cortejo principiou a desfilar ás 11,30 horas, tendo demorado perto de 4 horas.

Todas as freguesias deram prova da sua grande caridade. Falar de todas, uma a uma, (pois são 51!) não me permite o espaço do nosso Quinzenário, mas quero falar, unicamente da freguesia que mais brilhou—á freguesia de Estorãos—:

Esta freguesia, a mais próxima da Serra d'Arga, esta serra que nos mostra do seu cume todo o cenário deslumbrante do Minho e onde vai ser erguido um cruzeiro monumental, além dos seus 31 curros com géneros diversos, milho, feaba e variados produtos agrícolas, enviou um carro alusivo ao Cruzeiro, belamente preparado no qual, além de nos mostrar a vida da serra e um pastor com o seu rebanho, se erguia um cruzeiro bem traçado e com uma piaçara a imitar a pedreira! O pastor, numa posição correcta, ajoelhou em frente ao cruzeiro, mostrando assim que a freguesia de Estorãos é uma freguesia de crentes e de fé!

Em cinco corações muito bem pintados liam se cinco quadras que falavam da Caridade, e numa cinta de madeira colocada em toda a volta do carro lia se:

—Deus e Família — Alegria e Trabalho.

Dos grupos folclóricos o que mais se destacou foi o da freguesia de Estorãos, que seguiu á frente do carro do cruzeiro. Este grupo de dose fortes lavradeiras e um tocador de harmónio, ao chegar em frente da Tribuna de Honra fez direita volver, cantando uma música bem sentimental e com um cântico cheio de significado as seguintes quadras:

Em frente desta tribuna  
Nos curvamos reverentes  
Beijando as mãos, uma a uma,  
Aos bem queridos presentes.

Dentro em nosso coração  
—Coração de lavradeiras—  
Vem escrito um cartão  
Com situações verdadeiras.

Também trazemos no peito  
Mil votos de felicidade  
Recebem os com respeito  
Que é pura a nossa amizade!

Somos da serra, somos do campo,  
Nossa divisa é trabalhar  
A alegria é nosso manto  
Nós lá vivemos sempre a cantar.

Estorãos — nossa freguesia —  
Sem intuídos de vaidade  
Nunca faltou um só dia  
Em festas de Caridade.

Cruzeiro da Serra d'Arga  
A dominar todo o Minho  
Símbolo da nossa fé  
Do nosso amor e carinho.

A lus do dia distante  
A gente já a trabalhar  
Com a alma palpitante  
No futuro e a cantar.

Se a tristeza bate á porta  
Não a deixamos entrar.  
Ela foge, pois não gosta  
De nos ouvir a cantar.

A nossa oferta é pequena  
Mas é grande a caridade  
Damos por amor de Deus  
Não nos domina a vaidade!

Este grupo folclórico recebeu muitas palmas e muitos elogios, principalmente de Sua Ex.ª Rev.ª m. o Senhor Arcebispo-Primas, do sr. Governador Civil e de todas as demais autoridades.

(Ponte do Lima)

A. R. BARBOSA.

## Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

amigo e presado ass'nante, diz-nos que a culpa é de cá. Aceitamos a observação e vamos fiscalizar a Administração porque só desejamos que os nossos leitores tenham, sempre, «A Voz de Melgaço», a tempo e horas para ler.

Senhor Director de  
a Vos de Melgaço  
— Braga

Eu, Guilherme Manuel Pereira dos Santos, Chefe da Estação Telegrafo-Postal de Melgaço, e assinante de «A Voz de Melgaço», li o artigo *Cartas ao Director* — Com vista aos Correios, publicado na 2.ª quinzena do mês findo.

Achei o artigo desprimoroso para a corporação dos C. T. T. a que tenho a honra de pertencer em virtude de a reclamação não corresponder á verdade.

Dei-me ao cuidado de verificar os exemplares um por um, a ver se encontrava o do assinante — Armando Miguel de Carvalho, morador em Chaviães, reclamante da falta dos exemplares, não o encontrei, e tive a ocasião de apreciar que para diversos assinantes vieram exemplares em duplicado.

A culpa na duplicação será também dos C. T. T.?

(Continua na 4.ª pág.)

## O Sr. Ministro da Economia fala à Nação

(Continuação da 1.ª pág.)

não é tranquilizadora; sobre o atraso do fornecimento do sabão, conia ver o problema resolvido logo que chegue soda caustica suficiente para o seu fabrico.

Falando do azeite, o sr. Ministro disse que o seu Ministério vai procurar importar de Espanha certa quantidade d'ele, para assim regularizar a sua distribuição; entretanto, o óleo de Mendobi vai reaparecer, embora mais caro; no próximo mês devemos ter toucinho e banhas suficientes e cantamos já com certa quantidade, de maniga, além de outro a chegar; vai chegar grande quantidade de batata americana que permitirá o abastecimento do país; o problema do trigo apresenta aspectos difíceis, sendo natural que num ou outro ponto do país se registre deficiência no abastecimento de pão; o comércio do milho passará a ser livre, logo que se disponha de quantidades suficientes garantindo-se então um preço mínimo de venda, apenas para o milho manifestado.

O sr. Engenheiro Daniel Barbosa terminou as suas largas considerações dizendo que o Ministério da Economia considera baixas as captações existentes e procurará aumentá-las logo que seja possível, e anunciou que o Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria está preparando um despacho dando liberdade, de importação, quanto que na venda a público, se não excedam os preços justos.

## AFOGADO quando ia à pesca

PENSO (MELGAÇO), 9 —No lugar das Boças, freguesia de Alvaredo, Luiz Pereira Gonçalves, solteiro, filho de Lucas Gonçalves, quando amava um aparelho para pesca caiu ao rio e morreu afogado.

O cadáver foi levado pela corrente.

## Crónica INTERNACIONAL

Estão reunidos, em Moscovo, os ministros dos estrangeiros dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França e da Rússia para discutirem a paz, da Alemanha e da Austria. São as horas mais graves da

vida, porque os vencedores vão traçar o destino de um povo, para a vida ou para a morte.

Não pode entrar aqui o ódio ou a vingança.

A Alemanha, por estar no centro da Europa, é a garantia deste continente. Não pode ficar a Alemanha de tal maneira que ameace a paz da Europa; mas também não pode ficar tão amesquinhada que não possa dar o seu concurso económico e intelectual á Europa. A Europa necessita da Alemanha e o nosso futuro depende da paz que estão a discutir em Moscovo.

— || —

Os bispos alemães publicaram uma pastoral, na qual pedem aos fieis que rezem a fim de que a paz se seja justa. O vencido, mesmo vencido, tem direitos.

Há que lhos respeitar.

— | —

Os olhos do mundo estão postos em Moscovo, porque a Rússia há-de querer tirar o maior partido desta paz a fim de fixar as suas forças até ao centro da Europa. Não o podendo fazer, pretende um governo central ou vários governos que possa manejar.

A dificuldade desta paz está mais na Rússia do que nas outras nações.

Este facto apresenta enormes dificuldades á conferência de Moscovo que não nos preannuncia grandes sucessos.

Observador do Peimdelo

## O povo de Alvaredo

Encontramos, há dias, o nosso Amigo P.e Meira que esteve em Alvaredo a dar a Santa Missão a esta gente da nossa terra. E, mesmo de fugida, entrevistámo-lo:

—Sr. P.e Meira, que impressão traz de Alvaredo?

—As melhores. Bo a gente, tão amiga e tão dedicada!

—E da missão?

—Deus abençoou o nossos trabalhos. Imagine, que não ficou ninguém sem se confessar. Todos, todos se confessaram.

—E da terra?

—Linda terra a de Melgaço.

Como poderia haver tão boa gente senão num formoso jardim?

§ § §

Gostamos do P.e Meira e agradecemos-lhe o reclame que, ao longe e ao largo, faz da terra e da gente de Melgaço.

# A SAMARITANA

— DE —

## Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanificio para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus; Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercenarias; Vinhos finos — e Espumosos —

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—  
A máxima seriedade nas suas transacções.

# É necessário melhorar as condições do Pêso (Estância)

Guardamos no nosso ficheiro, durante muitos meses, umas linhas, judiciosas e oportunas, que o grande amigo da nossa terra e considerado jornalista e escritor, Joaquim Manso, escreveu no «Diário de Lisboa».

Estamos a 15 de Março. Bem é que a Empresa olhe para o Peso e se resolva a ver ali não a vaca da engorda, mas um canto risonho que a natureza fadou para ser aproveitado,

Damos a palavra ao Sr. Dr. Joaquim Manso:

No ano passado, tivemos ocasião de nos referir ao estado de abandono em que se encontravam as Termas de Melgaço, tão

merecedoras de prosperar e progredir, visto serem das mais notáveis de Portugal e talvez da Europa. Apelámos para a empresa concessionária, lembrando-lhe que, entre os seus deveres, estava incluído o de colocar as estâncias que tão felizmente explora, em condições de serem frequentadas por gente de boas maneiras e hábitos tranquilos.

Acerca de Vidago e Pedras Salgadas, a crítica prestava-lhe justiça, reconhecendo que, aparte leves senões, nada havia de opor, mesmo da parte das línguas mordentes e mal-dizentes. Quanto a Melgaço...

Não é exagero afirmar

que estava na situação infeliz daqueles filhos que os pais escondem, a fim de só mostrarem às suas visitas os que lhes causam orgulho e prazer, como o indefeso «Poil de Carotte», desprezado e tido erroneamente na conta de intrometido em assuntos que nem eram da sua competência.

Por esta razão, sem qualquer propósito de provocar arruído, mas tão sómente para abalar nos seus alicerces uma inercia, formulámos um honesto protesto que tinha mais de suave de que áspero ou indignado.

A «V. M. P. S.» entendeu, na alta prudência que preside às suas deliberações, que era melhor dar a mão à palma ória do que formalizar-se, metendo-se no silêncio de Conrado que vencia grandes obstáculos, sem se ralar: — «Canta que logo bebes!».

Geralmente, entre nós, os monopólios dormem o seu doce sono, recomendando aos contínuos:

— «Venha quem vier, não me acordes».

A «V. M. P. S.» que dispõe duma administração inteligente e generosa não vai limitar-se a um ou a dois compassos na execução duma partitura. A natureza, com prodigalidades de nababo, ofertou a Melgaço riquíssima matéria prima. Que se exige agora? Trabalha-la e aproveita-la com esmero e gosto. A missão do homem é aplicar as leis do espirito à matéria informe, transformando-a como se faz à pedra bruta o escultor modela a seu jeito. Junto às termas existe um parque formosíssimo que se conserva num estado que nada tem de civilizado.

Que dar á eternamente entregue a si mesmo como as florestas virgens do Amazonas?

Confiar aos labores insidiosos e anónimos das ervas, dos musgos e dos cardos bravos o que há de ser uma obra prima de

# Consciência cívica do Lavrador

(Continuação da 1.ª página)

hospitais e à gente tem arranjado trabalho e de comer, que é o que a gente precisa; passamos muitas necessidades e faltas enquanto o senhor não foi governador: nós queríamos troucinha e não o linhamos, queríamos azeite e não o havia e queríamos pão e não o arranjávamos. Agora não temos tido essa falta e se o tivessemos aturávamos isso melhor, por que já sabemos que o sr. governador anda a trabalhar para a gente e quando não temos é porque se não pode arranjar. Os trabalhadores cá do nosso distrito são pobres, mas não são mal agradecidos, e é por causa disso que eu aqui venho em nome deles agradecer tudo isto e pedir que não nos deixe sozinhos.

«A gente cá da minha classe não sabe cá de politics; temos ouvido dizer que o Salazar é um grande homem e deve ser, porque sabe escolher homens como o nosso governador para olharem pela gente. Os trabalhadores não acreditam já em «paleios» nos que a gente acreditamos é naqueles que nos falam verdade e que nos fazem aquilo que prometem. O senhor prometeu que olhava por nós e tem olhado e é isso que nós que temos. Se a gente pudesse falar com o Salazar havíamos de lhe dizer que não o deixasse sair de governador civil de Évora e que se quisesse que os trabalhadores andassem todos satisfeitos era arranjar mais governadores como o senhor. Eu bem disse logo de principio que os homens do campo não sabem dizer tudo quanto sentem. Mas quero acabar com dois vivas: Viva Salazar! Viva o nosso governador!»

Comovem-nos estas palavras sinceras de um humilde lavrador. E' esta a linguagem verdadeira dos portugueses. *Falam claro e exigem que lhes falem, também, claro.*

Querem, e tem direito, à política da verdade e da justiça.

Estão habituados às palavras do Senhor: que as nossas palavras sejam «sim, sim e não, não».

O que os leitores de «A Voz de Melgaço» não sabem é que o Governador

urbanização, eis o que nos repugna acreditar.

Como «desbarbarizar» as águas toantes e cantantes dos dois riachos que, depois de fraternalmente reunidos, avançam, á sombra das latadas, para o rio Minho que, devido á sua corrente caudalosa, ruge impetuosamente contra os rochedos que o constroangem?

J. M.

dor Civil de Évora é um lavrador.

E as suas atitudes são de lavrador: franco, leal, amigo de todos, dado com todos, amando a terra e servindo a gente que a habita.

Meditemos as palavras do lavrador Alentejano, porque elas são claras, elucidativas e revelam qual a política do lavrador:

«Os trabalhadores não acreditam já em «paleios», nos que a gente acreditamos é naqueles que nos fazem aquilo que prometem».

Esta é verdadeira política, para o lavrador.

Continue o ministério da Economia a falar ao País, o Sub-secretário da Agricultura a realizar, e o lavrador continua satisfeito.

É esta a sua psicologia; é este o seu feito.

O lavrador de Melgaço tem estas qualidades do lavrador alentejano: claro, firme e desassombrado.

—Deante das palavras do Lavrador de Évora, continuemos a ser francos, leais e dignos.

## Cartas ao Director

(Continuação da 3.ª pág.)

Seria conveniente não molestar terceiros, sem se chegar à conclusão e apuros de responsabilidades.

A esta Estação não chegou o Jornal, e consequentemente não foi depositado no de Braga, de onde se conclue que essa redacção não tem endereçado os jornais ao reclamante.

As providências a tomar, cabem portanto a V. Ex.cia.

A bem da Nação

Melgaço, 4 de Março de 1947

Gulherme Manuel Pereira dos Santos

## O nosso congresso

(Continuação da 1.ª pág.)

merecem.

Esta data memorável tem que ficar assinalada para os nossos vindouros.

Sua Ex.cia o Senhor Doutor Luiz de Pina, lente de Medicina do Porto, vem encerrar com o brilho da sua alta cultura, como Professor duma gloriosa Faculdade, e com o seu altíssimo prestígio social, porque Presidente da Câmara Municipal da mesma cidade, a série de conferências preparatórias do Congresso.

Também S. Ex.cia Rex.mas o Senhor Dom Agostinho Bispo do Porto e Dom Rafael, antigo e prestigioso Prelado de Moçambique prometeram a sua vinda a esta Terra. Que mais nos falta para uma grande festa?

— | —

A partir do dia quinze do corrente, vai iniciar-se enfim o trabalho da subscrição para custear as despesas que vão ser avultadas.

Prontamente e com uma

generosidade, que nunca mais se esquece, vieram trazer-nos já a sua adesão e o seu avultado óbolo, os nossos amigos Srs. Artur Santos, a cujos altos sentimentos de fé viva, sincera e ardente caridade, aqui prestamos a nossa homenagem, e o Senhor Padre Manuel José Pereira, muito digno abade de Cristóval.

Ambos iniciaram esta subscrição com a avultada quantia de 500\$00.

... Faltam apenas alguns meses para o nosso Congresso...

Aqueles que se encontram nesta frente e somos todos, teem a palavra. Com eles contamos.

E verão como em Melgaço, a primeira terra dum Império que a Religião criou, ainda é intensa a chama do Amor de Deus.

Amigos a hora é nossa!

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
A V E N Ç A

Chefe da Redacção e Editor:  
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO I

MELGAÇO, 15 de Março de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
No 5